



## Moção

### 50 anos do 25 de Abril

Hoje, 50 anos após o 25 de abril de 1974 evocamos a coragem e a determinação do povo português que, há meio século, se ergueu contra a opressão e a censura que se vivia em Portugal e lutou pela liberdade e pela sua dignidade.

Contudo, foi a 25 de novembro de 1975 que a democracia e liberdade foram definitivamente conquistadas e 50 anos após o 25 de abril não o podemos jamais omitir. Foi um momento de estabilização política após os tumultuosos dias que se seguiram à Revolução dos Cravos, em que a esquerda radical pretendeu implementar em Portugal uma ditadura de esquerda, e onde impulsionaram a usurpação da propriedade privada, a reforma agrária, os assaltos a sedes de partidos de direita, a perseguição de quem tentava salvar o que era seu, deixando o país à beira de uma guerra civil, período também conhecido pelo “Verão Quente” que a esquerda teima em esconder e vergonhosamente não é contado nos manuais escolares.

O 25 de abril foi o ponto de partida de uma jornada rumo à democracia e à liberdade. Foi o momento em que o povo português, cansado de décadas de ditadura, se uniu numa voz poderosa e pacífica, clamando por mudança e por um futuro melhor para todos.



Foi o catalisador de uma transformação profunda na nossa sociedade. Abriu as portas para um novo capítulo na nossa História, um capítulo marcado pela liberdade de expressão, pela pluralidade política (pelo menos após o 25 de novembro) e pela justiça social.

Mas hoje, 50 anos após o 25 de abril, não estamos apenas a evocar um evento histórico, estamos também a evocar os valores de liberdade, igualdade e solidariedade que ele representou. Estamos a evocar a coragem daqueles que se levantaram em busca de um futuro melhor para todos os portugueses, mas que foram traídos no dia imediatamente a seguir pelos excessos cometidos em nome da liberdade.

Hoje, 50 anos após o 25 de abril não nos podemos esquecer que o bipartidarismo a que Portugal esteve preso, até ao passado dia 10 de março, levou a que se assista hoje em Portugal a um controle da liberdade de expressão, seja nas leis feitas à medida para condicionar a mesma, seja pelas “pressões partidárias” feitas sobre as redações da imprensa, seja ainda através das entidades financiadas pelo Estado Socialista para determinar o que se pode ou não dizer, escrever ou propagandear.



O que são dados objetivos é que, mesmo enfrentando uma guerra colonial em várias frentes, Portugal, de 1961 até 1973 cresceu em média 5,54% e desde 1974 até hoje apenas cresceu em média 2%, apesar dos sucessivos fundos e programas europeus que têm financiado inúmeros projetos no País nas últimas décadas.

No índice de desenvolvimento humano ocupamos hoje a 38ª posição no ranking mundial, em 1974 éramos o 23º País do Mundo.

Quanto à corrupção ou índice da perceção da corrupção, Portugal aparece em 34º lugar no ranking mundial, voltando a igualar a pontuação registada em 2020, a pior desde 2012 . Poderemos estimar que infelizmente, por via dos sucessivos escândalos governativos a que temos assistido, possamos ainda baixar mais no índice de perceção da corrupção.

Na educação, saúde, defesa nacional e segurança pública, a falta de investimento é notória o que tem resultado em revolta e desmotivação, trazendo assim ao de cima as dificuldades do País para manter estes sectores a funcionar, bem como a inversão de valores.



As reformas, os 30 dias para o subsídio de férias, o salário mínimo nacional, são de facto, conquistas de Abril, mas o poder de compra dos portugueses, 50 anos após o 25 de abril, é cada vez menor e o número de pobres tem vindo a aumentar e muitas famílias têm de escolher entre pagar a renda da casa ou comprar comida.

Quanto à dívida pública e ao impacto desta na gestão das finanças públicas, Portugal tinha em 1974 um record histórico de apenas 13,58% do PIB mas no fim de 2022 correspondia a 98,7%, valor absolutamente insustentável, que condiciona o investimento para as gerações futuras e é revelador da faceta mais sinistra dos gastos e desperdício do socialismo.

Contudo, 50 anos após o 25 de abril, símbolo de liberdade, assistimos aos partidos do sistema a quererem calar 50 deputados democraticamente eleitos por um milhão e 200 mil portugueses, assim como assistimos na comunicação social aos insultos e acusações infundados, sem qualquer tipo de sanção, por parte de jornalistas e comentadores que apregoam democracia e liberdade, mas que hoje dizem sem pudor: “nem que tivessem votado 9 milhões é para ilegalizar”!

Hoje, 50 anos após o 25 de abril ser de direita, defender a família e a vida, defender a Pátria e os símbolos nacionais, prezar a cultura e os costumes, ou tão simplesmente defender ideais diferentes dos “politicamente



corretos”, é sinónimo de fascismo. Sabem realmente os que enchem a boca para falar de democracia e liberdade o que é verdadeiramente o fascismo?

Portanto, hoje devemos não apenas evocar os 50 anos do 25 de abril, mas também renovar o nosso compromisso com os ideais de liberdade, justiça, equidade e democracia que ele representa, e pensar que agora sim, 50 anos depois do 25 de abril, com 50 deputados eleitos pelo Partido Chega, caminhamos enquanto sociedade para um Portugal realmente livre.

Portugal não está a venda, Portugal precisa dos portugueses.

Viva Portugal!

Encosta do Sol, 15 de abril de 2024

P’la bancada do Partido CHEGA! Na Freguesia da Encosta do Sol

*Paula Teixeira*  
Paula Teixeira